



7 • Correio Braziliense — Brasília, segunda-feira, 22 de novembro de 2021

Bolsas Na sexta-feira	Pontuação B3 Ibovespa nos últimos dias	Salário mínimo	Dólar Últimas cotações (em R\$)	Euro Comercial, venda na sexta-feira	Capital de giro Na sexta-feira	CDB Prefixado 30 dias (ao ano)	Inflação IPCA do IBGE (em %)
0,59% São Paulo	104.404 16/11	R\$ 1.100	11/novembro 5,404 12/novembro 5,457 16/novembro 5,498 17/novembro 5,524 18/novembro 5,570	R\$ 6,330	6,76%	8,43%	Junho/2021 0,53 Julho/2021 0,96 Agosto/2021 0,87 Setembro/2021 1,16 Outubro/2021 1,25
0,75% Nova York	103.035 17/11 18/11 19/11						

CONJUNTURA / PEC dos Precatórios e furo no teto de gastos destroem credibilidade da política econômica e analistas preveem estagnação da produção. Incerteza se reflete na queda da bolsa e na alta do dólar

Discurso otimista do governo cai no vazio

» ROSANA HESSEL

O discurso otimista do ministro Paulo Guedes insistindo que o Brasil está decolando e vai crescer forte no ano que vem, quando as previsões do mercado apontam para estagnação ou mesmo recessão, não se sustenta, de acordo com especialistas heterodoxos e ortodoxos em teoria econômica. Para eles, está cada vez mais difícil acreditar nas promessas de Guedes e do presidente Jair Bolsonaro (sem partido) de que existe compromisso com a responsabilidade fiscal ou que o Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro vai crescer acima da média global. Como consequência, a Bolsa de Valores cai, o dólar sobe e os juros futuros disparam.

A gota d'água foi a polémica PEC dos Precatórios que, além de dar calote em dívidas judiciais, rompe a regra do teto de gastos — única âncora fiscal vigente. A PEC busca criar uma folga de quase R\$ 100 bilhões para a ganância do governo. O valor fica muito acima dos R\$ 50 bilhões necessários para que o Auxílio Brasil, programa que substituiu o Bolsa Família, pague um benefício mensal de R\$ 400 para 17 milhões de famílias no próximo ano, conforme prometido por Bolsonaro. Para analistas, o principal motivo da manobra contábil é eleitoral.

Refletindo a piora fiscal, a Bolsa de Valores de São Paulo (B3) acumula desvalorização de 13,4% no ano, mas, desde setembro, as quedas mensais estão acima de 6%. O dólar voltou a um patamar acima de R\$ 5,50 e o real, desde o início do governo Bolsonaro, é uma das moedas emergentes que mais perdem valor. Analistas lembram, ainda, que as estimativas para a taxa básica de juros (Selic), atualmente em 7,75% ao ano, já passaram para 11% a 12% para o fim do ciclo de alta, na melhor das hipóteses, porque sobrou para o Banco Central a tarefa de usar a política

monetária para controlar a inflação, uma vez que não há política fiscal. Com juros de dois dígitos no ano que vem, especialistas não têm dúvida de que será muito difícil para o PIB crescer. “Guedes está em uma realidade paralela. A situação é muito desanimadora para o Brasil. A renda per capita não vai crescer, e tudo indica que o país está caminhando para uma estagnação no próximo ano”, destaca Mailson da Nóbrega, ex-ministro da Fazenda do governo José Sarney (MDB), e sócio da Tendências Consultoria.

A Tendências acaba de revisar de 1,8% para 0,5% a previsão de crescimento do PIB brasileiro no ano que vem, enquanto a nova estimativa da Secretaria de Política Econômica (SPE) do Ministério da Economia é de um avanço de 2,1%. “Um dos cenários mais otimistas do mercado, hoje, é o do FMI, que prevê crescimento de 1,5% em 2022. Mas essa projeção foi feita bem antes das manobras fiscais do governo que geraram toda a instabilidade recente no mercado”, diz Mailson. Para ele, ao condicionar à aprovação da PEC o pagamento mensal de R\$ 400 com o programa Auxílio Brasil, o governo acirra as pressões inflacionárias, levando o benefício a ser corroído pela alta do custo de vida. “O governo está tentando dar com uma mão e tirar com a outra”, complementa.

O economista-chefe do banco Haitong no Brasil, Marcos Ross, passou a prever queda de 0,3% do PIB brasileiro em 2022 e não poupa críticas ao discurso desconexo de Guedes, que chama as projeções pessimistas dos grandes bancos de “variáveis fictícias”.

“O governo vem divulgando projeções econômicas irrealistas há algum tempo”, afirma Marcos Ross. “Apenas para citar alguns exemplos, o Executivo vem projetando um cenário com inflação sistematicamente mais baixa, que tem impacto

Discrepância

Previsões otimistas do governo para o PIB destoam das recentes projeções do mercado, que pioram com a deterioração das perspectivas



Previsões para o PIB brasileiro (Variação em %)

Instituição	2021	2022
FMI	5,2	1,5
Ministério da Economia/SPE	5,1	2,1
Bradesco	5,2	0,8
Tendências Consultoria	5,0	0,8
Banco Alfa	5,0	0,5
Itaú Unibanco	5,0	-0,5
Focus	4,8	0,9
MB Associados	4,7	0,0
Banco Haitong	4,2	-0,3

Números

10,67%
Alta acumulada do IPCA em 12 meses encerrados em outubro

11% a 12%
Previsão dos analistas para a taxa Selic no início de 2022

Choque de realidade (Desempenho da B3)

Período	Pontos	Variação no ano (em%)
2019	115.645	31,6
2020	119.017	2,9
2021*	103.035	-13,43

*até 19/11

Moeda fraca

Veja as maiores desvalorizações desde 2019 levantadas pela RB Investimentos

Divisa	Variação (em %)
Peso argentino	-62,51
Lira turca	-52,84
Real	-29,99
Peso colombiano	-17,32
Peso chileno	-16,72
Sol peruano	-16,35
Florim húngaro	-13,70
Zloty polonês	-9,74

Fonte: Entidades e instituições financeiras. RB

na composição do Orçamento, e crescimento econômico sistematicamente mais alto, afetando a formação de expectativas entre os agentes econômicos.”

Eduardo Velho, economista-chefe da JF Trust, lembra que não há perspectivas positivas para a economia em 2022, especialmente, porque o cenário

externo não será favorável para países emergentes, como o Brasil, diante da perspectiva de alta dos juros norte-americanos no ano que vem.

Crítica à visão liberal

O economista Luiz Gonzaga Belluzzo, professor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), uma das referências entre os heterodoxos e grande crítico da agenda liberal, não poupa críticas nem ao governo nem aos economistas do mercado.

Segundo ele, o conceito de teto de gastos, que está no centro da polémica da PEC dos Precatórios, é uma narrativa da agenda liberal totalmente desconectada de como funciona uma economia capitalista. “É tudo uma maluquice. Temos uma inflação alta no Brasil e no resto do mundo, e ela é interpretada como temporária por ser essencialmente por choque de oferta”, afirma. “O choque de petróleo é responsável por uma parcela elevada da inflação, que não faz sentido em um país que tem autossuficiência na produção, mas não tem um fundo soberano para controlar as flutuações de preços, como faz a Noruega”, explica.

Belluzzo avalia que o discurso do mercado de que o descontrole fiscal está relacionado com a ideia de romper o teto de gastos é “coisa de hospício”, porque, nas crises, o Estado é quem socorre empresas e bancos, como ocorreu em 2009 e, agora, durante a pandemia. “A economia de mercado não pode ser enclausurada em uma caixa como a regra do teto, uma vez que é instável e tende a flutuar.”

O professor ressalta a importância das ideias da escola keynesiana, que acaba sendo a cartilha dos países nos momentos de crise. “O mercado não resolve nada sozinho. Muitos operadores repetem certos chavões e não têm noção de como funciona a economia no conjunto. O mercado depende do Estado, e a dívida pública de um país é necessária para ajudar a precificação dos títulos privados”, afirma Belluzzo.

Índice do BC dá sinal de alerta

A queda de 0,14% do Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br) no terceiro trimestre, divulgada na semana passada, acendeu o sinal de alerta para o risco de recessão ainda em 2021. Como o PIB ficou negativo em 0,1% nos três meses anteriores, o país entrará em recessão técnica — que ocorre quando há queda consecutiva em dois trimestres — na contramão do otimismo da equipe econômica.

Devido à deterioração da política fiscal e das perspectivas para a economia brasileira, grandes instituições financeiras, como o Itaú Unibanco, preveem queda de 0,5% no PIB de 2022, enquanto as estimativas de crescimento da economia global, pelas projeções do Fundo Monetário Internacional (FMI), é de expansão de 4,7%.

Em 2020, quando o PIB brasileiro encolheu 4,1%, a taxa média de queda do PIB mundial foi de 3,5%. É o Brasil continua tendo desempenho pior do que a média global, apesar de o ministro da Economia, Paulo Guedes, dizer o contrário. A previsão da equipe econômica para o crescimento do PIB deste ano, de 5,2%, está abaixo da média de avanço global, de 5,7%, conforme as projeções do FMI.

Gustavo Cruz, estrategista-chefe da RB Investimentos, reforça que a instabilidade do mercado financeiro é resultado da perda de confiança no governo e da falta de avanços na agenda econômica. “Não tivemos as reformas tributária e administrativa e, agora, surge a discussão de reajuste para servidores. A defesa da responsabilidade fiscal fica cada vez mais distante. Se o Executivo não sinalizar algo nessa



Para Samuel Pessoa, o governo perdeu condições de tocar políticas econômicas de longo prazo

direção, não será o Congresso. Em um ano eleitoral, o que não vai faltar é pedido por recursos para bases”, lamenta.

“A credibilidade do governo foi sendo perdida ao longo do mandato, e o que se viu foi a concentração de poder no Congresso e um Executivo com dificuldade de propor políticas

econômicas que fizessem sentido”, avalia Sergio Vale, economista-chefe da MB Associados. Ele ressalta que esses problemas ficaram mais evidentes neste ano. “O pior é a percepção escancarada de uso da política fiscal com objetivos eleitorais, de forma tão explícita, a ponto de quebrar a regra do teto de

gastos, que o próprio ministro dizia ser intocável”, afirma. Ele prevê crescimento zero do PIB de 2022, e não descarta o risco de uma recessão no próximo ano.

Para os analistas, a agenda liberal prometida por Guedes e Bolsonaro durante a campanha nem saiu do papel. “Bolsonaro nunca foi liberal. Ele é, na

essência, um sindicalista. Não há nenhuma surpresa”, resume o economista Samuel Pessoa, pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre-FGV). Para ele, o governo perdeu a condição de tocar políticas econômicas com efeito de longo prazo, e isso está se refletindo no mercado.

Na avaliação de Pessoa, um ponto positivo foi o avanço das concessões em infraestrutura, uma agenda iniciada no governo Dilma Rousseff (PT) e que ganhou corpo no governo Michel Temer (MDB). “A continuidade dessa agenda merece ser aplaudida. Mas, de resto, não teve quase nada. A reforma da Previdência só avançou graças ao Rodrigo Maia (ex-presidente da Câmara), que usou todo o capital político que tinha para aprovar”, afirma.